

# REVISTA ADVENTISTA

*A Convenção das publicações no Porto*

*O Designio da Vida*

*...«Os de Itália vos saudam»*

ANO XXV

N.º 217

## SEMANA DE ORAÇÃO E OFERTA DO FIM DO ANO

**C**OM reconhecimento estamos considerando a Semana de Oração que já no próximo mês se vai realizar em todas as nossas igrejas e grupos do mundo inteiro, assim como para os nossos caros membros que vivem isolados.

Também isto quer dizer que dentro de pouco tempo, um outro ano vai desaparecer, ano este, durante o qual pudemos viver plenamente da graça divina e dos benefícios materiais e espirituais que o Eterno nos concedeu, dia após dia. Graças ao auxílio do Senhor e à actividade sempre apreciada dos nossos dedicados membros e obreiros, a Obra que nos é tão querida, alcançou numerosas vitórias em diversos lugares. Mas ainda há muito para fazer. Estamos sempre perante uma obra inacabada em todos os campos.

Que, no decorrer desta Semana de Oração, Deus encha os nossos olhos de uma nova e gloriosa visão do Movimento Adventista, para que Ele brilhe por toda a terra e nos conceda corações mais ardentes para podermos cumprir o programa missionário da Igreja! No coração da África, há territórios imensos que ainda não foram tocados pela nossa Mensagem, sem falar das ilhas do mar. As nossas Uniões e campos de Missões continuam a reclamar novos missionários e as somas necessárias que garantam os seus trabalhos.

A falta de fundos e de pessoal impede a abertura de novas estações, escolas, hospitais e dispensários, ao passo que outras denominações se encarregam de o fazer e encontram recursos de homens e de dinheiro. Por nossa parte, não queremos ficar atrás, visto que, segundo o plano de Deus, o nosso lugar é à cabeça.

A manutenção da obra missionária por todo o campo mundial é o dever sagrado e alegre de cada Adventista do Sétimo Dia. Muitos sacrifi-

cios já foram feitos pelo nosso povo, no passado, pelo que lhe estamos deveras reconhecidos. Mas ainda um esforço maior tem de ser feito no futuro. Na corrida febril dos actores do drama dos últimos tempos, não queremos contentar-nos com os pequenos progressos realizados aqui e acolá.

No decorrer desta Semana de Oração, para a qual queremos implorar, de maneira particular, a bênção de Deus, queremos gritar ao Senhor que nos ajude a resgatar o tempo e a cumprir a nossa missão nas dimensões da hora presente.

No decorrer do último Conselho anual da Divisão, todos os delegados votaram unânimemente, recordar à Igreja o objectivo que lhe foi colocado, no que diz respeito à Oferta do Fim do Ano (Semana de Renúncia), isto é: que cada obreiro consagre o salário de uma semana a favor da obra mundial das Missões, e que os nossos dedicados membros de igreja sejam convidados a seguir este exemplo, na mesma medida, se for possível, ou então que dêem o equivalente de um dia de trabalho, a favor do avanço desta tão bela e urgente Causa.

Também suplicamos ao Senhor para que nesta Semana de Oração, surjam, por toda a parte, vocações missionárias, e que a colecta levantada no Sábado de encerramento daquela Semana, possa ser a mais abundante de todas.

Os nossos agradecimentos pela vossa fidelidade e pelo vosso espírito de liberalidade, assim como pela dedicação que manifestais para com a Obra do Senhor, segundo as exigências da hora premente que estamos vivendo, num esforço sempre maior pela glória do nosso Deus.

M. FRIDLIN

Presidente da Divisão Sul-Europeia

## SUMÁRIO

Semana de Oração e oferta do Fim do Ano

Editorial

O mais poderoso argumento em favor do Cristianismo

A Convenção das Publicações no Porto

O jugo desigual

O desígnio da Vida

...«Os de Itália vos Saudam»

Notícias do Campo

A Reabilitação Católica de Lutero

Daniel e o seu Tempo

O Auxiliar da Escola Sabatina

**OUTUBRO DE 1964**

**ANO XXV N.º 217**

DIRECTOR E EDITOR:

**A. J. S. CASACA**

ADMINISTRADOR:

**D. S. R. VASCO**

CORPO DE REDACÇÃO:

**A. CASACA, E. FERREIRA,  
F. MENDES, M. MIGUEL,  
O. COSTA E P. RIBEIRO**

PROPRIETÁRIA: **UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA**

Redacção e Administração:

**R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA**

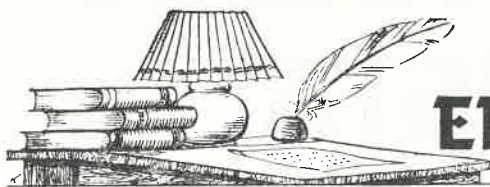
Composição e Impressão:

**SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA  
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA**

Número avulso 3500

Assinatura anual 30500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## Página EDITORIAL

*Prezados Irmãos e Irmãs:*

Portanto, tomemos parte nela, como se fosse, efectivamente, a nossa última *Semana de Oração*.

### O Acampamento MV

Um novo êxito registou, também, neste ano o Acampamento MV, desta vez na Figueira da Foz.

Os nossos jovens viveram aqueles dias inolvidáveis numa atmosfera de sã camaradagem, em plena comunhão com a Natureza, sentindo-se mais perto de Deus e recebendo novos entusiasmos para prosseguirem sempre fiéis aos seus bons propósitos.

No próximo número da nossa Revista apresentaremos uma reportagem minuciosa do Acampamento que deixou, em todos, as melhores e belas recordações.

### A «Revista Adventista»

O próximo número de Novembro da nossa Revista será destinado à *Semana de Oração*.

É da maior conveniência que os nossos Irmãos e Irmãs, que não sejam assinantes da Revista, adquiram o número de Novembro, para poderem seguir as leituras tão cuidadosamente preparadas para cada noite daquela Semana.

Aproveitamos a oportunidade para recomendar aos nossos prezados Irmãos e Irmãs que assinem a «Revista Adventista», pois é o órgão oficial da nossa União.

Não se compreende que haja um Lar Adventista sem que nele se encontre a publicação oficial da sua Igreja.

Numa época em que abundam as publicações de todo o género e que já mesmo superabundam, é indisculpável que a «Revista Adventista» não pertença a cada Lar Adventista, como elemento familiar.

*A. Casaca*

Pode dizer-se que vão ser retomadas, no seu curso normal, as várias actividades, familiares, sociais, religiosas e domésticas que haviam sido, total ou parcialmente, suspensas ou diminuídas, com as férias.

Chegou o momento de regressar a casa de retomar o trabalho no ritmo normal. Que seja, prezados irmãos e irmãs, em todas as vossas actividades e, em primeiro lugar, nas religiosas. E, segundo o costume, aqui vos apresentamos algumas notícias e as habituais rubricas da actividade e problemas da Obra do Senhor.

### Curso Bíblico

Conforme já foi anunciado, nesta nossa Revista, e explicado para várias igrejas, para conhecimento dos interessados, é com maior satisfação que vos anunciamos a inauguração do Curso bíblico destinado a preencher uma lacuna entre nós.

Nas nossas orações, prezados Irmãos e Irmãs, temos de incluir, como objecto número um o Curso Bíblico, recentemente inaugurado.

### Semana de Oração

Mais uma vez nos é dado poder-mos assistir, na paz do Senhor, à *Semana de Oração*.

É o momento de podermos viver, mais intimamente, com Deus. «Viver assim pela palavra de Deus significa entregar-lhe toda a vossa vida. A oração é uma necessidade e dependência, uma atracção do coração para Deus.» (*Educação*, pág. 258).

Aproveitemos esta magnífica oportunidade que o Senhor põe à nossa disposição, para mais uma vez lhe confiarmos os nossos problemas e pedirmos-Lhe que os solucione.

Pensem, prezados Irmãos e Irmãs, que esta *Semana de Oração* de 1964 pode muito bem, ser a última da nossa vida.



## EM FAVOR DO CRISTIANISMO

ARTHUR S. DO VALLE

Os inexoráveis traços biográficos de uma vida são altissonantemente eloquentes. Como artistas, actuando em um imenso palco, demonstramos ao mundo o retrato fiel de nossa existência. Não bastassem os olhares penetrantes dos homens, há ainda os olhares perscrutadores dos anjos que nos observam. Nada pode ser perpreitado longe das vistas do Eterno. Para Deus é como se existisse no mundo uma só pessoa, e todo o Seu interesse nela estivesse concentrado. Nada Lhe escapa. As artimanhas, subterfúgios e engodos que os homens usam em face da sociedade, diluem-se em face de Deus. A noite mais escura não pode encobrir a falta e deixar impune o faltoso. Os olhos de Deus não são obstados pelo tempo ou espaço. Sua ubiquidade é real. A Divindade não se compraz em ver para condenar, mas em ver para aconselhar e sarar.

Cabe ao cristão ratificar na vida prática as lições que Lhe são ministradas do púlpito. O púlpito que é verdadeiramente o tribunal do amor, espargir a sua influência sobre os ouvintes, e estes devem, na vida prática, espargir sobre outros as bênçãos do púlpito. A ninguém é dado o direito de através de uma vida desregrada, anular a influência das pregações ouvidas. Quem o fizer, estará cometendo pecado, pois os homens são levados a crer mais na prática do que na teoria do púlpito. Em defesa da verdade amontoamos argumentos os mais variados possível, entretanto nos esquecemos de que as nossas atitudes são argumentos incontrastáveis que não podemos olvidar.

Ouçamos o que nos ensina o Espírito de Profecia: «Lembre-mos de que uma vida semelhante à de Cristo é o mais poderoso argumento

em favor do cristianismo, e que um cristão que não é fiel à sua profissão causa mais dano ao mundo do que um mundano. Nem todos os livros escritos poderiam substituir uma vida santa. Os homens acreditarão, não o que o ministro pregar, mas o que a igreja pratique em sua vida. Demasiado a miúdo a influência do sermão pregado do púlpito é anulada pelo sermão feito na vida dos que professam ser advogados da verdade.» — T. S., Vol. 5, pág. 199.

Grande responsabilidade pesa sobre a congregação ao ouvir um sermão. Cada conselho ouvido deve ser posto em prática. Quantas vezes o sermão que a igreja ouve, foi produto de muitas pesquisas, estudos e meditações e preces. Com que emoção o pregador assoma o púlpito. Sente-se um mensageiro de Deus, e realmente o é. A mensagem que ministra tem as credenciais divinas. É a voz de Deus ouvida através do instrumento humano. Os anjos atentam, reverentes, para a mensagem que está sendo anunciada. O Espírito Santo está colaborando com o pregador, fazendo-o lembrar aquilo que estudou. Todo o Céu toma interesse naquela mensagem. Uma fervente prece, precedendo o sermão, rogou ao Céu que ungesse os lábios do mensageiro. Em face de tão solene, quão importante circunstância, como poderia alguém, através de uma vida desequilibrada e reprovável, diluir a influência do púlpito? Antes nunca tivesse ouvido a mensagem. O sacrário do púlpito não pode ser menosprezado na vida. Cumpre-nos enaltecê-lo, através de uma vida santa, e não vilipendiá-lo por acções não consentâneas com as verdades ouvidas.

Todos os estudos bíblicos que dermos, todas as visitas missionárias que fizermos, serão de nenhum valor, se a nossa vida não condisser

com aquilo que ensinamos. A verdade é exposta ao opróbrio quando a vida do crente não confirma a sua profissão de fé. Os pálidos resultados muitas vezes conseguidos em árduos e penosos esforços evangelísticos são consequência de atitudes e vidas não consagradas de membros residentes na cidade em que se desenvolve o esforço evangelístico, e com isso é anulado em grande parte o ingente trabalho desenvolvido.

O pastor inicia no púlpito o sermão que a igreja vai continuar na própria vida. Tremem-me as mãos em face de tão memorável responsabilidade. Que solenidade acompanha as palavras predecessoras do sermão: «ajoelhem-nos» ou «curvemos a frente para a oração»! Naquele instante nos incorporamos à solenidade do culto, e sob a fragrante atmosfera do silêncio e respeito, prometemo-nos cumprir na própria vida a mensagem que ouvirmos. A ninguém é dado o direito de defraudar a confiança do mensageiro e profanar a mensagem. Quantas almas perecem no pecado, «sem esperança e sem Deus no mundo» porque lhes foi negativa a influência de alguém! Uma vida à altura da mensagem que anunciamos, eis o alvo de cada um. Ninguém deve almejar menos. Milhares de palavras não substituem o bom exemplo. A teoria da verdade, apenas, não resolve os problemas do coração humano, nem realiza os anseios. Uma vida activa em prol da Causa, lábios que bendigam, olhos que simpatizem com o sofrimento e pesares, mãos que jamais se abalancem para golpear e sim para ajudar, pés que não se cansem de percorrer o caminho do bem e do direito, eis o que se espera daqueles que se estão preparando para o memorável e iminente encontro com o Senhor.

# A CONVENÇÃO

## DAS PUBLICAÇÕES NO PORTO

«FUI instruída de que a Corporagem deve ser reavivada e levada avante com êxito crescente. Ela é a Obra do Senhor e uma bênção acompanhará os que se empenham nela com zelo e diligência» (Colp. Evangelista, pág. 37).

Quando consultamos o Espírito de Profecia ficamos surpreendidos com o número de vezes que a Irmã White faz referência nos seus

dados para este tempo» (Idem, pág. 7).

Este trabalho tem dado as suas provas em muitas partes do mundo e estamos certos que chegámos ao momento das grandes realizações, pela Colportagem, em Portugal. Durante o período de 14 a 18 de Agosto, a igreja do Porto uma vez mais se manifestou hospitaleira recebendo com toda a dignidade os

através das suas mensagens espirituais e conselhos dados no momento oportuno. A Publicadora também esteve representada na pessoa do seu gerente, Irmão Reis. Daqui lhe enviamos os votos de bênção de Deus para a sua nova responsabilidade.

Tudo estava previsto e cada irmão tinha a sua actividade a desempenhar.

Sem dúvida alguma que muito temos a agradecer a Deus por esta Convenção e pela nova visão que nos deu da Obra à qual nos chamou.

«Estacionamento proibido» eis do que nos falou no primeiro dia o Irmão Higgins. Estacionar é retroceder! Urge avançar nos momentos difíceis que o Mundo experimenta. Ao findar este dia o sentimento de falta de consagração total enchia os nossos corações. Que Obra gigantesca se encontra diante de nós para realizar!

Grande privilégio nos foi concedido na sexta-feira à noite durante os momentos de retiro espiritual. Cada palavra era para nós uma promessa.. O Pastor Casaca lembrou-nos que o Espírito Santo é para nós um companheiro constante, fiel, na realização da Obra de Deus nos últimos dias. Como sentimos que as nossas vidas estavam a passar por uma reconstrução ao serviço do Grande Mestre! Que dizer dos testemunhos! Deus seja louvado!

Chegou o Sábado, dia especial para o povo de Deus. As igrejas circunvizinhas à cidade do Porto receberam a visita dos nossos ilustres colaboradores. De tarde, pelas 16 horas a igreja do Porto encontrava-se repleta. Todos ali afluiram para participarem de um grande encontro. O programa era variado e sugestivo. Notícias do trabalho da Colportagem por todo o Mundo, experiências vividas pelos colportores, ganhando almas para Cristo.



*Grupo de assistentes ao Curso de Colportagem*

escritos à Colportagem e a atenção que ela lhe dispensa. Certas afirmações querem-nos parecer demasiado fortes e não as aceitaríamos, certamente, se não fossem do Espírito de Profecia. «Se há um trabalho mais importante do que outro, é o de colocar as nossas publicações perante o público, levando-o assim a examinar as Escrituras» (Colportor Evangelista, pág. 83); «A obra da Colportagem, divinamente dirigida, é obra missionária da mais elevada espécie e o melhor e mais bem sucedido método que pode ser empregado para colocar perante o povo as importantes ver-

responsáveis da Obra das Publicações na nossa obra mundial, respectivamente o nosso prezado Irmão Higgins da Conferência Geral, o nosso bem conhecido Irmão Naenny da Divisão Sul-Europeia, o Secretário-Tesoureiro e Secretário do Departamento das Publicações para a União, Irmão David Vasco.

Desde o início da Convenção, que tinha como lema «O nosso Deus em breve virá» esteve connosco o Presidente do Campo Português, Pastor Casaca, a quem agradecemos a sua presença que constituiu para cada um de nós uma inspiração



Certo dia um colportor, trabalhando no Brasil, vendeu um livro «O Conflito dos Séculos» a um trabalhador que regressava ao lar após a faina do dia. Durante a viagem teve a curiosidade de abrir a obra que acabava de comprar. Descobriu então que o dia santificado por Deus é o Sábado e não o Domingo. Anunciou à esposa as novas que acabava de ler e após algum tempo, já baptizados tinham a alegria de assistir à inauguração de uma igreja naquele local. Quantas almas sedentas da Verdade Presente esperam pelos colportores no nosso querido Portugal!

Coube ao Irmão Naenny, através das suas experiências na Itália, Áustria, etc., demonstrar-nos que a Colportagem é um meio eficaz de Evangelização. Diz Isaías: «... anunciam as boas novas, fazem ouvir a paz, anunciam o bem, fazem ouvir a salvação e dizem a Sião: O teu Deus reina!»

A Obra da Colportagem não só funda novas igrejas como também unifica lares destruídos. Esta é a experiência interessante narrada por um dos nossos colportores, passada em terra portuguesa. Dois colportores venderam o livro «A Educação dará os seus frutos» quando do seu trabalho de porta em porta. Mão amigas, conduzidas por Deus, levaram esta preciosa obra a um casal que há muito tinha separado os seus destinos. Uma vez lido o livro e seguidos os seus conselhos estes dois jovens chegaram à conclusão que era sob o mesmo tecto e junto da filhinha que poderiam continuar a viver felizes. Irmãos, não é esta uma consoladora experiência? Não será por si só um incentivo para o trabalho da Colportagem?

Entre a assistência encontrava-se uma jovem que começou a frequentar a Igreja do Porto por indicação do seu noivo que se encontra na Guiné. Foi aqui que contactou pela primeira vez com um dos nossos colportores a quem comprou um livro «O Conflito dos Séculos». Leu-o e apreciou-o de tal forma que o enviou imediatamente à sua noiva para que o lesse e com a recomendação de que se dirigisse à Igreja Adventista no Porto para que melhor se inteirasse das doutrinas ali pregadas. Graças ao trabalho deste

colportor esta jovem poderá ser uma candidata ao Reino dos Céus.

Queremos também relatar uma outra experiência em relação à Irmã Carvalho que se baptizou no passado mês de Dezembro na Igreja de Viseu. Foi o livro «Quem Dominará o Mundo?» comprado por um dos seus vizinhos a um dos nossos colportores, que a impressionou e a levou a investigar a verdade que tanto ambicionava possuir. Orava a Deus frequentemente para que lhe revelasse a verdade. Deus respondeu prontamente ao seu ansioso pedido. Alguns meses mais tarde, mesmo ao lado da sua residência, pôde ler um dístico que dizia: «Igreja Adventista do 7.º Dia». Compreendeu então que as suas orações tinham sido atendidas. Mais uma alma ganha através do trabalho da Colportagem!

tada e a Irmã Carvalho. Deus está à obra e os melhores dias para o nosso trabalho estão no futuro.

Insuflados de um novo entusiasmo retomámos o nosso programa na manhã seguinte, escutando as «Ideias de Sucesso» do Irmão Higgins. Este tema foi desenvolvido até ao fim do curso conquistando a todos e mostrando como é possível mesmo em Portugal, fazer o trabalho de casa em casa com êxito. Só poderemos alcançar o sucesso se ao sairmos de casa formos portadores de consagração, tacto, espírito de oração e confiança em Deus que a todo o momento nos promete o Seu auxílio.

Duas vezes por dia os colportores eram submetidos a exercícios práticos que de início os atemorizaram, mas que depressa passaram a ser apreciados e esperados com ansie-



Premiados no Curso de Colportagem com os Pastores Naenny e Higgins

- 1.º António Casaquinha — 1 pasta
- 2.º António Tomás — 1 mostruário da «Saúde e Lar»
- 3.º Manuel Almeida — 1 esferográfica a 4 cores

Ao terminar esta reunião de experiências o Pastor Casaca fez um veemente apelo a toda a assistência para que se suscitasse vocações para este maravilhoso e empolgante trabalho da Colportagem. Uma dezena de Irmãos levantou-se respondendo «Eis-me aqui, envia-me a mim». Desejamos frisar que entre este grupo de Irmãos se encontrava a jovem cuja experiência foi rela-

dade. Os melhores classificados receberam um prémio que os fará recordar com saudada os dias de convívio passados na cidade do Porto.

Na reunião de encerramento todos tiveram oportunidade de expressar a Deus a sua gratidão pelo privilégio deste curso que foi uma

(Continua na pág. 7)

# O JUGO DESIGUAL

D. A. DELAFIELD

O APÓSTOLO Paulo nunca escreveu uma linha com mais profunda significação, do que em suas palavras aos coríntios: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis." II Cor. 6:14. Paulo trabalhou incansavelmente para fundar a igreja em Corinto. Uma respeitável comunidade cristã surgira pelos seus labores. Grande número de pagãos aceitara a Cristo e deixara as fileiras do inimigo para unir-se a Cristo. Agora Paulo lhes diz: "Mantende-vos em vossas próprias fileiras. Não deixeis a comunidade cristã para juntar-vos com os pagãos. Mantende-vos separados e não volteis para as coisas impuras do mundo. Sois agora filhos e filhas de Deus. Que coleguismo tendes com o mal e com a comunhão das trevas? Saí do meio deles e sereis o povo peculiar de Deus."

Entre outras coisas Paulo, sem dúvida, tinha em mente casamentos mistos com os descrentes. Essa ordem do Novo Testamento é a repetição de um antigo aviso dos patriarcas e profetas. Escreveu Moisés a Israel, acerca dos cananeus: "Nem te aparentarás com eles; não darás as tuas filhas a seus filhos, e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois fariam desviar teus filhos de Mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós, e depressa vos consumiria... Porque povo santo és ao Senhor teu Deus." Deut. 7: 3-6.

Desde a entrada do pecado no mundo o povo de Deus tem sido um povo separado. Caim, o primeiro assassino, tornou-se o progenitor de uma raça de homens maus. Set tornou-se o pai de uma longa linhagem de patriarcas. Os descendentes de Set foram os filhos de Deus; os descendentes de Caim, os filhos do maligno. Foi na questão de casamento entre as duas facções que Satanás ganhou a primeira batalha que levou os filhos de Set à corrupção e trouxe tanto vício e iniquidade como o mundo jamais havia presenciado e que resultou no dilúvio. "Viram os filhos de Deus

que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram." Gén. 6:2. "Matrimônios não santificados, entre os filhos de Deus e as filhas dos homens, deram como resultado a apostasia que terminou com a destruição do mundo por um dilúvio." — *Lições sobre o Dom do Espírito de Profecia*, pág. 188.

É verdade hoje, como foi nos dias de Noé, que a mistura de casamentos preparou o caminho para a apostasia e raramente resultou na conversão de um descrente para Cristo. O cristão que se casa fora de suas próprias fileiras, não importa quão grande seja o afecto que dedique ao outro cônjuge, põe em perigo a salvação da própria alma.

"Um homem que é verdadeiramente religioso, casando-se com uma mulher inconversa, será arrastado para a perdição ou terá uma cruz por toda a vida." O mesmo pode ser dito da mulher religiosa que se casa com homem não convertido. Tais pessoas não podem proferir esta petição da oração do Senhor: '*Não nos deixeis cair em tentação.*' Buscaram temerariamente sua própria ruína no seu acordo comum." — *Clarke's Commentary* (1851), Vol. 6, pág. 343.

É-nos feita a seguinte advertência: "A menos que desejes ter um lar de onde nunca se levantem as sombras, não te unas com um homem que é inimigo de Deus." — *Mensagens aos Jovens*, pág. 438.

Mesmo assim alguns têm feito isto, não pesando as infelizes consequências deste engano. Têm-se arrependido amargamente da sua loucura, porém nada resta para fazer senão procurar o melhor da situação. Em tais circunstâncias isso é o que exactamente devem fazer, e não abandonar o companheiro descrente. (Ver I Cor. 7:12-16).

## Procurando Ganhar o Inconverso

As nossas irmãs que são casadas com maridos descrentes podem mostrar o verdadeiro amor por seus

companheiros orando secretamente e agindo em favor da sua conversão. Mas não terão êxito em levá-los à verdade participando com eles das práticas mundanas. (Ver I S. Ped. 3:1-4.) Sabemos de alguns casos em que mulheres cristãs têm sido um empecilho a que seus maridos tomassem a decisão de guardar o Sábado com o risco de perder um emprego estabilizado e substanciosa renda. Nós apresentamos a pergunta: Poderá esta atitude salvar uma alma para o reino de Deus? Poderá unir marido e mulher nos interesses comuns?

As nossas orações são proferidas em favor dos nossos queridos cren-tes cujo marido ou esposa não participa da fé comum da Igreja Adventista. Os nossos ministros e membros leigos estão procurando ajudá-los a ganhar para Cristo seus companheiros. A igreja está ao vosso lado. Para Deus nada é impossível. Embora o engano haja sido cometido, a igreja não esquece o seu querido povo. Que os maridos, esposas e filhos que vivem em lares divididos tomem ânimo. Mas resolvam não ceder um centímetro de terreno ao inimigo. A batalha não está perdida e Deus pode dar gloriosa vitória.

Neste sector da experiência humana, porém, a prevenção é melhor do que a cura. Estamos alarmados com a brecha que se abriu entre os jovens adventistas, por se casarem com os que não são da nossa fé. Um dos líderes do MV da Associação Geral escreveu o seguinte.

"Uma brecha aparentemente crescente, que causa sérios embaraços, é a dos casamentos mistos. A instrução bíblica é: 'Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis.' II Cor. 6:14. Moços e moças necessitam exercer discricção no assunto de companheirismo e casamento. É em verdade triste a história quando este conselho é desconsiderado. Dezenas e centenas de obreiros potenciais para Deus são perdidos cada ano. De acordo com

(Continua na pág. 15)



# ○ Designio da Vida

A. Casaca

**E**M todas as coisas criadas se vêem os sinais da Divindade. A natureza testifica de Deus. A mente sensível levada em contacto com o milagre e mistério do Universo, não poderá deixar de reconhecer a operação do poder infinito... Uma vida misteriosa invade toda a natureza — vida que sustenta os inumeráveis mundos através de toda a imensidade.» (Educação, pág. 99).

Só a filosofia materialista é que nega um propósito bem definido, bem explícito não só na ordem universal, como também, e principalmente, na vida do homem.

Dotado de inteligência que lhe permite descobrir as causas, as leis e os princípios das coisas, nem sempre, porém, o homem faz bom uso dessa mesma inteligência que o eleva até junto dos anjos e do seu próprio Criador.

Na sua carta aos Efésios assim escreve o apóstolo Paulo: «N'Ele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito d'Aquele que fez todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade» (Efés. 1:11).

Neste admirável passo de notável profundidade filosófica e teológica, S. Paulo afirma, claramente, a criação de todas as coisas e um designio explícito na criação do homem, que foi destinado pelo seu Criador a receber a herança, bendita herança que o Senhor Jesus nos alcançou com o Seu precioso sangue, derramado por todos nós, no Calvário.

Mas nem todos, infelizmente, assim o entendem.

Recordemos a expressão de Paulo quando diz que Deus opera «to-

das as coisas segundo o conselho da Sua vontade».

Demos infinitas graças a Deus por sabermos que tudo procede d'Ele e que tudo é governado pela Sua Providência.

Noticiaram, há pouco, os jornais que o Ranger 7 atingira a Lua.

Por um lado temos de nos congratular por tão grandes manifestações da inteligência humana. Mas por outro lado, também temos de nos contristar com o facto de os homens não compreenderem o significado verdadeiro destes notáveis acontecimentos.

A propósito da aventura do Ranger 7, assim se exprimiu o papa Paulo VI, em Castelgandolfo: «Unamo-nos à admiração que provocou este acontecimento que interessa a toda a Humanidade. Louvemos o progresso conseguido pelo homem na ciência e na técnica e demos graças a Deus pelo desenvolvimento do espírito do homem, criatura sua». Paulo VI, depois de ter afirmado que a exploração do Cosmos mostra, simultaneamente, a pequenez e a grandeza do homem, acrescentou:

«Peçamos a Deus que o homem, longe de se perder nesta conquista progressiva da natureza, compreenda que o problema de Deus e de si próprio se torna cada vez mais actual».

Temos, sim, de pedir a Deus que ilumine a inteligência dos homens para que vejam que se aproxima o fim deste pobre e desvairado mundo.

Sabemos que nos encontramos a poucos minutos do grande acontecimento que porá fim a todas as

coisas, e que é a Segunda Vinda de Jesus.

«Ainda que cavem até ao inferno, a minha mão os tirará dali, e, se subirem ao céu, dali os farei descer.» — Assim trovejava o profeta Amós, na visão destes nossos últimos tempos.

Multiplicam-se os sinais da Vinda iminente do Salvador.

Perante as grandes e transcendentemente manifestações da inteligência humana prodigalizadas nas últimas invenções, que a nossa oração seja cada vez mais fervorosa, suplicando ao Senhor que apresse a Vinda do nosso bendito Salvador, para que todos os remidos cantem, eternamente, as misericórdias do Senhor.

---

## A CONVENÇÃO DO PORTO

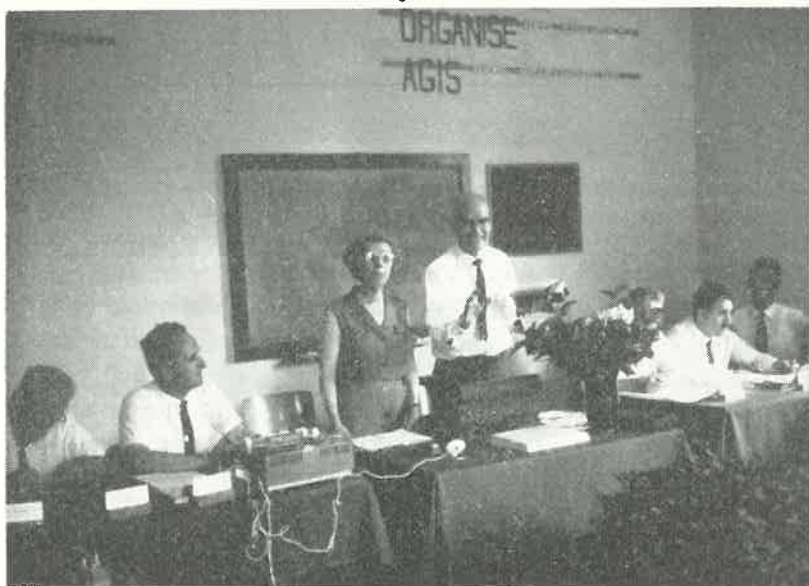
(Continuação da pág. 5)

bênção para cada um de nós e para a Causa de Deus em Portugal.

Chegou a hora da despedida em que nos separámos confiantes no futuro. Homens e mulheres, rapazes e meninas tinham sido instruídos a venderem os livros que o Espírito Santo inspirou os servos de Deus a escrever.

«Que jovens e velhos se consagrem a Deus, empreendam a obra e saiam trabalhando em humildade, sob o Domínio do Espírito Santo... Deus chama os colportores a voltar à obra». (Testemunhos Selectos, pág. 547).

O Mestre vos chama. Quem responderá ao seu chamado? Eis a pergunta que vos é dirigida, prezados leitores da REVISTA ADVENTISTA! Lembrai-vos que o «êxito deste trabalho outorga o mais puro gozo e é a mais rica recompensa de uma vida de paciente labuta» (Idem, pág. 556). J. Dias



*O Irmão Higgins falando aos chefes de colportores, traduzido pela irmã Lídia Herdman. O primeiro, à esquerda, escrevendo, o Pastor Fridlin — o que demonstra o seu grande interesse pelos trabalhos realizados*

veis na Divisão estão convictos de que instituído e orientado pelo Espírito de Profecia, tem uma parte importante na obra de evangelização. Esta é também a nossa convicção e o nosso objectivo, que será uma realidade concreta quando os nossos colportores e membros de igreja se deixarem penetrar por ela.

Na organização do programa diário sentia-se o chumbo da personalidade suíça. Havia método, equilíbrio e acima de tudo pontualidade, mas nem assim houve tempo para tratar de todos os assuntos previstos no programa. Cada dia o Pastor Higgins tratava dum assunto palpitante sobre a obra da colportagem e como realizá-la. Na sua primeira mensagem lembrou-nos a nossa tarefa expressa em Apoc. 18:1 — «E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande

## ... «Os de Itália vos Saudam»

**N**O interesse da obra das Publicações realizou-se um curso para chefes-colportores, no Seminário Adventista de «Vila Aurora» em Florença, Itália, de 30 de Julho a 4 de Agosto. A exuberância da vegetação, das belezas naturais da propriedade e a amabilidade fina e cativante do povo italiano transforma aquele local num paraíso, que nos conquista quando chegamos e nos deixa saudades à partida.

Estiveram presentes além do responsável das Publicações na nossa Divisão, o nosso já bem conhecido prezado irmão E. Naenny, todos os chefes-colportores e secretários do Departamento das Publicações da nossa Divisão, Pastor W. Higgins enviado da Conferência Geral, Pastor Hasel, Secretário das Publicações da Divisão da Europa Central, Pastor Haberey verificador de contas e o Pastor M. Fridlin, que apesar das suas grandes responsabilidades e inúmeros problemas inerentes à direcção da obra na nossa Divisão, tomou uma semana do seu tempo para estar connosco do princípio ao fim do curso. A sua pre-

sença, mesmo silenciosa, bastaria que o ministério da colportagem, para nos convencer do seu apreço pela colportagem, mas várias vezes fez uso da palavra para nos atestar que ele mesmo e todos os responsá-

poder, e a terra foi iluminada com a sua glória», servindo-se sábiamente do Espírito de Profecia, para nos mostrar como a irmã White afirma que esta Obra será realizada pela colportagem. Precisamos duma

*Grupo dos participantes da Convenção  
No 3.º plano os Irmãos Dias e David Vasco*





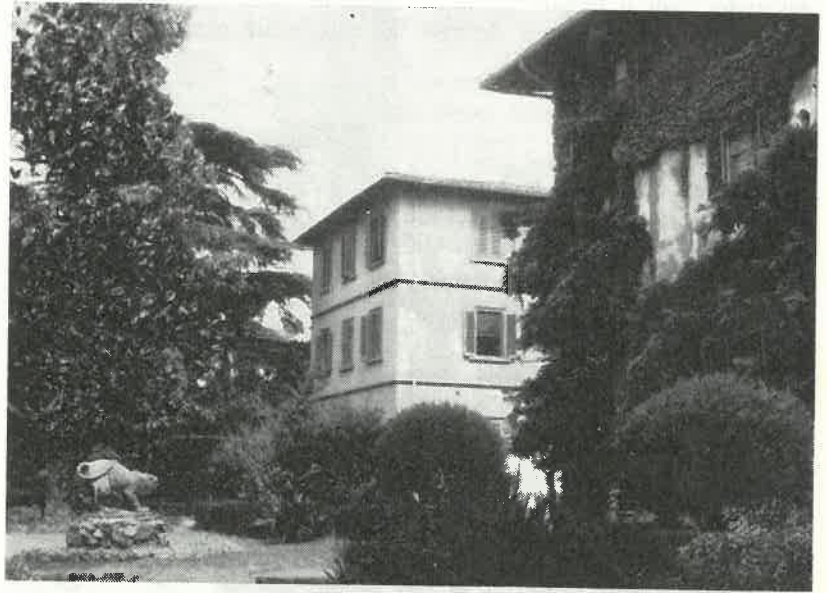
maior visão, continua o nosso irmão sobre a tarefa que Deus nos confia, como o Josué e Caleb, que entraram na terra prometida, enquanto que os outros dez espias morreram no deserto por terem uma visão acanhada. Os pioneiros do nosso movimento foram igualmente homens e mulheres de visão. James White, que não possuía nenhuns recursos financeiros, procurou mesmo assim um tipógrafo para a publicação do nosso primeiro folheto «A Verdade Presente»; falou-lhe com tal entusiasmo e com uma tão grande visão, que conseguiu a primeira e a segunda edição antes de adiantar um único centavo! U. Smith era professor oficial com um salário certo quando o chamaram para ser o nosso primeiro redactor. Em troca de tudo isso ofereceram-lhe a comida e um quarto para dormir por cima da tipografia. Teve visão e aceitou. Os melhores dias da colportagem estão no futuro, que começa hoje, agora mesmo para cada um de nós. Deus tem ainda grandes coisas a realizar pelo seu povo. Precisamos duma visão mais ampla para com fé romper para sempre com as peias que nos impedem duma inteira consagração à obra da colportagem. Há muitos irmãos e irmãs nas nossas igrejas, que estão malbaratando os seus talentos, que Deus lhes confiou, em trabalhos seculares, que poderiam ser realizados mesmo por incrédulos, enquanto que os deveriam usar na salvação das almas, pelo ministério da página impressa. Precisamos duma maior visão! Que Deus no-la conceda e que todos possamos declarar como Paulo: «...Não fui desobediente à visão celeste» Act. 26:19.

A parte espiritual do curso esteve a cargo do pastor Fridlin, que foi para nós um evangelista, um mensageiro de Deus. Manhã após manhã ele nos apresentava uma mensagem divina, que nos levava à meditação e à oração. Cada manhã era proposto um único assunto de oração, sendo a salientar o dia em que se orou em uníssono para que Deus suscite mais colportores evangelistas. No Sábado de tarde, depois do culto da manhã que esteve também a cargo do pastor Fridlin, houve uma interessante reunião de experiências, em que cada chefe-colportor, durante dez minutos,

contava uma ou duas experiências do seu campo de trabalho mostrando a maneira como a colportagem é um excelente meio para ajudar as pessoas nos seus problemas familiares e acima de tudo na salvação das almas. No último dia, de nos separarmos de novo para os nossos campos de trabalho procedeu-se à cerimónia da Santa-Ceia, que foi a melhor maneira de terminar unidos no mesmo sentimento de humildade e de dependência total de Deus.

Aproveitando a viagem à Itália não desperdiçámos a oportunidade

vam ligadas e o assento tosco onde ele certamente se sentava para escrever algumas das suas epístolas, que nos dizem ainda hoje: «Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez vos digo, regozijai-vos» Fil. 4:4. O guia que nos acompanhava é um dos nossos evangelistas em Roma e por feliz coincidência encontramos-nos em Roma com um casal brasileiro adventista, nosso prezado irmão Nigry e esposa. Ali nos encontrávamos todos no mesmo local onde Paulo esteve, possuidores da mesma doutrina, imbuídos da mesma fé e encorajados com a



VILA AURORA  
Local onde se realizou a Convenção  
Instalação da Escola Missionária

que se nos oferecia de visitar alguns lugares célebres e de interesse mesmo bíblico, em especial a velha Roma de que a Bíblia tanto nos fala. Num curto dia pudemos visitar as catacumbas onde os nossos primeiros irmãos se refugiavam junto dos mortos para escaparem às perseguições. Vimos as ruínas do Coliseu, onde tantos crentes testemunharam a sua fé, derramando o seu sangue, que era uma verdadeira semente; vimos e calcorreamos a Via Ápia, de que nos fala a Bíblia e por onde passou o apóstolo Paulo ao chegar a Roma prisioneiro e visitámos finalmente a velha prisão onde o mesmo apóstolo foi detido e ligado por cadeias. Ali podemos ainda ver as pedras que ele pisou, o cepo onde as suas cadeias esta-

mesma esperança. Uma grande diferença existia, porém; Paulo esteve preso com cadeias e nós estamos livres... Foi com emoção que naquele lugar orámos a Deus agradecendo-Lhe por nos ter legado os escritos dum tão ousado cristão, por nos permitir estar naquele local e pedindo-lhe essencialmente que nos dê a dita de sermos como o apóstolo Paulo e de nos podermos encontrar com ele um dia na Pátria Celeste. Formulámos o mesmo voto para todos os leitores da «Revista Adventista».

Assim deixámos aquele local donde Paulo escreveu e os nossos irmãos transalpinos hoje repetem: «OS DE ITÁLIA VOS SAUDAM» (Heb. 13:24).

Cerca de 30 jovens 50% dos quais não são membros de igreja e 14 adultos trabalharam voluntariamente na nossa Campanha. Era um exército cheio de fé, compreensão e disciplina, que domingo após domingo, sacrificando o prazer da praia, tomaram os seus lugares no combate ao grande Golias, que acabou por sucumbir ante a tenacidade de tão valorosos soldados de Cristo.

Uns fizeram mais, outros menos, mas todos com o mesmo ardor e fé pelo que se tivéssemos de sa-

estas as duas maiores importâncias registadas; todavia cada um fez o que pôde e todos deram a sua contribuição. Depois de nos termos aliviado destes dois fardos maiores e de dois mais pequenos que são a Grande Semana, resta-nos agradecer aos Irmãos de ambas as igrejas a sua boa colaboração e ao nosso querido Mestre Jesus a tão sábia direcção com que nos dirigiu e guardou e até para o ano no qual

ja do Seixal que já havia dado a sua colaboração à igreja da Cova da Piedade teve a seu cargo os cânticos na sua igreja, os quais foram muito apreciados.

Findas todas estas proveitosas actividades grande número de jovens da Piedade passaram o Domingo 5 de Julho na praia da Costa no lugar de S. João em sã camaradagem e regozijo com a certeza do dever cumprido.

Representantes das três igrejas num total de 26 pessoas se encontraram de novo no domingo seguinte num passeio a Sintra e Praia das Maças. Os nossos hinos fizeram-se ouvir a plenos pulmões em toda a linha de Sintra atraindo no regresso, a atenção de muitas pessoas. Foi um domingo bem passado diziam os nossos irmãos, pelo que se viu, pelo que se cantou e pela boa ordem e harmonia que em tudo se evidenciou.

Como nota curiosa diremos que em certa estação entraram uns excursionistas acompanhados do seu garrafão e que quiseram competir connosco cantando a plenos pulmões as suas cantigas como que em desafio para nos fazer silenciar. Como, porém, não tinham ordem nem nexos acabaram eles por ficar confundidos e calados ante a persistente suavidade dos nossos hinos, alguns até cantados em polifonia.

Regressámos aos nossos lares cheios de alegria pela felicidade que usufruímos, nos caminhos e na igreja como verdadeiro Povo de Deus.

Queremos ainda referir e, agora, com tristeza que o jovem Gonçalo Rego embarcou no dia 17 de Julho para Angola e que alguns meses atrás a jovem Maria Sales nos deixou pelo mesmo motivo. São dois jovens que nos deixaram falta mas que nos consolamos com a ideia de que irão ajudar os nossos Irmãos de Angola.

Como sempre pedimos que vos lembreis de nós, nas vossas orações e o nosso agradecimento será ilimitado.

Adelino Nunes Diogo



Os animosos Irmãos da Cova da Piedade com o seu obreiro, A. Diogo

liantar um nome teríamos de os nomear todos. Há porém que distinguir o que chamamos *Quadro de Honra* para os adultos que coube à Irmã Cristina Pinto com a importância maior, cerca de 620\$00 e para os jovens à Irmã Marília Diogo com cerca de 520\$00. A fotografia mostra uma parte deste grandioso número de trabalhadores na seara do Mestre.

Também no Seixal ficou concluído o alvo embora com a ajuda de alguns jovens da C. da Piedade que ali se deslocaram para o efeito. Porém é digno de nota a relevante oferta de 510\$00 duma família que deseja o anonimato e da Irmã Emília Teixeira com 500\$00. Foram

desde já esperamos a mesma ajuda material e espiritual.

Não queremos deixar de referir em breves palavras o que foi a nossa tão querida *Festa das Mães* graças ao esforço e inteligência dos nossos jovens superiormente dirigidos e ensaiados pela tão dinâmica jovem e directora dos mesmos, a nossa Irmã Ana Bernardo Limpo. Podemos mesmo afirmar que se não fora a sua tão boa vontade, não se teria concretizado a nossa festa a qual se não limitou apenas à Cova da Piedade mas, que numa embaixada de boa camaradagem e cordialidade se dignaram deslocar ao Seixal a fim de ali apresentar o seu apreciado programa a uma enorme assistência. O Coro da igre-



# DO CAMPO

## Do Barreiro

Após dez meses de trabalho nesta importante vila do Barreiro, é com alegria que passamos a dar algumas notícias. Este povo, por natureza pouco inclinado a ouvir a Pa-

A Sociedade dos Missionários Voluntários também tem dado a sua colaboração nestas actividades e, como habitualmente, realizou no dia 31 de Maio a sua festa das Mães, na qual queremos salientar o belo programa infantil preparado



O Pastor Abella com os novos Irmãos do Barreiro

lavra de Deus, tem frequentado com bastante assiduidade a nossa igreja, sobretudo na Baixa da Banheira, onde o trabalho tem progredido bastante, sendo agora a nossa sala pequenina demais para conter todos os irmãos e visitas que com interesse ouvem a mensagem do Senhor.

A Igreja está animada de um bom espírito missionário para levar avante a Obra sagrada que Deus nos confiou. Na Campanha das Missões, que durou precisamente um mês, tivemos a satisfação de ver um bom espírito de colaboração em muitos irmãos que fizeram este ano a primeira experiência e ficaram maravilhados da maneira como o Senhor nos abençoou.

A Sociedade Missionária tem trabalhado animadamente, fazendo visitas, estudos e distribuição de literatura. Assim só neste ano, já foram vendidas mais de cinquenta Bíblias, além de muita outra literatura.

suas vidas ao povo que «guarda os mandamentos de Deus e a Fé de Jesus».

Que Deus continue a abençoar grandemente a sua Igreja no Barreiro, em Portugal e em todo o mundo, para que em breve possamos estar todos unidos na Pátria celeste, é a nossa fervorosa oração.

Noémia Abella

## De Portalegre

O dia 18 de Abril do corrente ano, foi escolhido como dia de jejum e oração, nas Igrejas da zona de Portalegre. Havia vários motivos que nos levaram à dedicação desse Sábado de consagração ao Senhor, especialmente por pedido de doentes de diversas enfermidades.

Houve preparação individual para que esse dia fosse uma bênção para cada um e para a Igreja.

Na terça-feira anterior, a Igreja de Portalegre teve a sua reunião semanal de oração e nesse dia todos oraram com fervor para que o Sábado seguinte fosse um verdadeiro dia de consagração.

Objectivo das orações da igreja: uma irmã — Idalina Marchão Ceia — que havia sido aceite por voto, poucos dias antes, por motivo de ir ao Instituto de Oncologia para observação e possível operação a tumor ou padecimento uterino, diagnosticado como canceroso. Voltou alguns dias depois em expe-

A FESTA DAS MÃES, no Barreiro





*Pormenor da FESTA DAS MÃES, no Barreiro*

riência para regressar dentro de dias para novos exames e observações e foi durante esses dias que nessa terça-feira, em sua casa, sentiu-se incomodada e em seguida expulsou espontaneamente, na hora em que orávamos na Igreja, uma matéria esponjosa a que não faltava uma espécie de raiz. Preocupada foi no dia seguinte ao médico que a estava vigiando por indicação do Instituto e ouve estupefacta a seguinte narração do médico, não menos admirado:

Estás completamente curada!

— Mas isso é um milagre sr. doutor!

— Sim, podes dizer que foi um milagre, disse-lhe o médico.

No Sábado seguinte lá estava ela na Igreja a dar o seu testemunho público do verdadeiro milagre. Foi um momento inexplicável, aquele em que nada mais pudemos dizer senão louvar a Deus, pois a comoção foi geral. Deus ainda ouve os Seus filhos.

Daí em diante tem ido periodicamente a observações e sempre a mesma confirmação: completamente curada. O milagre foi completo, depois de perto duma dezena de anos de sofrimento. A que o atribuir? As orações da Igreja? À fé da doente? Talvez a ambos. Os outros doentes estão também com acentuadas melhoras e alguns em franco progresso.

Se está alguém doente, ore... a oração da fé salvará o doente... é-nos aconselhado nas Escrituras.

### Campanha das Missões

A acumulação dos alvos das 4 Igrejas da zona de Portalegre, era deveras uma preocupação que pesava sobre os nossos ombros, que nos tirava o sono, à medida que se aproximava o início desta actividade da Igreja.

Começar, eis a grande luta, lembranças doutros anos de canseiras, as despesas a fazer nas deslocações entre as povoações deste Alentejo; onde estavam os colaboradores?

Chegou o mês de Abril, havia já notícias de progressos noutras Igrejas, chegou o mês de Maio, era tempo de começar e nós sem coragem nem ânimo para o trabalho. Orámos, falámos nas Igrejas, procurámos apelar para o alvo individual, procurando a colaboração de todos, e no meio destas preocupações marcámos o primeiro dia de trabalho.

Foi um dia magnífico, voltámos animados e as saídas sucederam-se, quer aos Domingos pelos arredores, hoje para uma Igreja, amanhã para outra, os alvos iam diminuindo, até que no fim de Junho podíamos anunciar os alvos alcançados, graças ao Senhor.

Formámos uma equipe de homens aos Domingos que se especializou e outra de senhoras geralmente dois dias por semana e ainda preciosas reservas, sempre prontas a preencher uma vaga da equipe. Nunca voltávamos com menos de 500\$00 de ofertas, dezenas de re-

vistas e outra literatura deixada, oportunidades raras de animarmos almas aflitas, estudos da Palavra de Deus e sensação agradável de podermos ser úteis. Tudo decorreu sem incidentes e salvo algumas raras excepções, sempre bem recebidos, graças ao Senhor.

Queremos aqui expressar o nosso agradecimento aos fiéis e destemidos colaboradores, que nos acompanharam a alcançar esta vitória. Não podemos deixar de manifestar a nossa apreciação para todos os que também se esforçaram pelo seu alvo pessoal, trazendo a sua contribuição. A todos um verdadeiro obrigado.

### Baptismos

O fim de Junho foi uma semana de expectativa, preocupações, orações mas também vitórias.

No Sábado 27, pudemos anunciar às Igrejas que a Campanha estava terminada e também apresentar um grupo de candidatas ao baptismo. Foi um Sábado de verdadeiro louvor a Deus. Nessa manhã, uma após outra, as almas desciam às águas baptismas, numa entrega e consagração ao Senhor.

Na entrega dos certificados e boas vindas aos novos irmãos, pedimos ao público que nesse dia enchia por completo a Igreja de Portalegre, quantos desejassem estar ali naquele lugar na próxima oportunidade.

Mais 7 almas se lhes juntaram e numa oração de verdadeira consagração, a que se juntava toda a Igreja, entregámos as nossas vidas em holocaustos ao Senhor.

Agora restaurados um pouco do esforço e tensão nervosa daqueles dias de especiação, voltamos a nossa atenção para as Igrejas. Fizeram-se reuniões de Igreja, considerou-se o estado espiritual dos membros, alguns dos quais infelizmente tivemos de perder.

O que mais nos preocupa presentemente é o estado das salas de culto, algumas em verdadeira ruína. A inclemência dos invernos nesta zona, é o espectro que já nos assalta nestes poucos meses sem frio.



A Ribeira de Niza necessita de restauro. S. Julião, é frio e mete chuva na sala do culto.

Portalegre é presentemente a nossa preocupação. Planeamos um esforço de evangelização no próximo Outono e Inverno, mas como convidar as pessoas habituadas a salas de ar condicionado para a galeria da nossa sala?

Aos leitores destas breves impressões, que agradecidos ao Senhor lhes dirigimos, pedimos encarecidamente as suas orações para as Igrejas desta zona para o trabalho que o Senhor lhes confiou e pelos irmãos que nas suas doenças e diversas aflições da vida pedem que oremos por eles.

Vosso em Cristo.

*Francisco Cordas*

nhor, a nossa prezada Irmã, D. Maria do Carmo Ferreira Duarte.

Apesar da enfermidade que, lentamente, a minava, nunca dos seus



*A Irmã D. Maria Ferreira Duarte*

Grande perda para nós, para a Igreja de Angra do Heroísmo e ainda para muitos indiferentes aos nossos princípios religiosos. Porém, quer uns quer outros, uma certeza lhes ficou: Sua alma morreu em Paz com o Senhor.

Assim terminou a sua tarefa nesta Terra e assim rendemos a nossa última homenagem a mais um dos «Bemaventurados que desde agora morrem no Senhor».

Resta-nos, pessoalmente, render preito de gratidão público, ao Esposo, Filha, e Genro da nossa extinta Irmã. De toda a gentileza possível fomos cumulados quer na doença quer na morte da mesma. Todos os serviços religiosos que se adaptavam ao momento foram planejados e executados segundo o nosso desejo.

*Filipe Esperancinha*

## Dormindo no Senhor

A Igreja de Lisboa serve-se da «Revista Adventista» para comunicar a todos os Irmãos, que no passado mês de Agosto adormeceram no Senhor os seguintes Irmãos:

*Maria Guia dos Santos*

*Maria do Carmo Ferreira Duarte*

*José Maria Henriques*

*Custódia da Conceição Montez*

Respectivamente nos dias, 14, 18, 21 e 27.

Continuando diremos que a Irmã Santos era sogra da nossa prezada Irmã Otília Santos.

Da Irmã Maria do Carmo terão os Irmãos um artigo na mesma revista a seu respeito.

José Maria Henriques, foi não só membro de nossa Igreja como durante alguns anos a serviu como diácono.

A Irmã Custódia Montez era mãe da nossa prezada Irmã Maria José, esposa do pastor Juvenal Gomes, missionários em Angola.

A todas as famílias enlutadas desejamos que Deus lhes conceda o conforto de que necessitam e que possam ser fiéis ao Senhor para um dia terem a dita de reverem os seus queridos.

Também no dia 17 de Agosto, adormeceu, plácida, no Se-

lábios se escapava uma palavra de desânimo, pois ela bem sabia «em Quem confiava».

Numerosos Irmãos e Irmãs tomaram parte no funeral para o cemitério dos Olivais, que foi dirigido pelo Pastor Larangeira.

Era casado com o Ex<sup>mo</sup> Sr. Manuel Duarte, mãe da nossa prezada Irmã, D. Maria Vitalina Duarte Ribeiro e sogra do nosso prezado Irmão, Dr. Samuel Ribeiro.

A «REVISTA ADVENTISTA» acompanha estes nossos prezados Irmão na sua saudade e na participação da «bem-aventurada esperança».

★

## Angra do Heroísmo

No passado dia 18 de Agosto, a Igreja de Angra do Heroísmo prestou a sua última homenagem junto do sepulcro, ao seu dedicado membro, Maria do Carmo Sousa Mendes.

Após prolongado sofrimento, durante o qual mostrou forte resignação e perseverante fé sucumbiu à lei natural da morte. Contudo, a sua pureza de carácter e a sua humilde caridade, que foram sempre os seus principais atributos, nunca se apagaram. E por isso, se julgou sempre capaz para falar a sublime Palavra de Deus até ao último momento da vida...

## O JUGO DESIGUAL

*(Continuação da pág. 6)*

observação recente, quarente e seis por cento dos jovens adventistas se casaram com não adventistas, trinta e sete por cento eram rapazes e cinquenta e três por cento, moças. Para este cálculo foram tomados em consideração 4.161 casos e isto apresenta uma situação alarmante." — L. A. Skinner em *Review and Herald*, 8 de Novembro de 1951.

Nossos jovens adventistas são crentes baptizados em Cristo. Pertencem ao número dos filhos e filhas de Deus. Devem ser fiéis a Ele, que os chamou. Não podem prender-se a jugo desigual com os descrentes, sem se arriscarem a um fracasso espiritual.

Insistimos em que nosso povo ensine estes princípios no lar, aos filhos enquanto crescem. Que em nossas escolas e púlpitos e em nossa literatura seja dada especial importância quanto a este assunto. Não devemos permitir que seja visto o mundo intrometer-se na igreja e levá-la após ele. A ocupação da igreja é converter o mundo. Não podemos converter o mundo casando-nos no mundo. Dolorosas experiências nos têm ensinado isto.

# A Reabilitação Católica de Lutero

por Ernesto Ferreira

**P**OUCAS pessoas há que tenham sido tão caluniadas como Lutero.

Não é raro ouvir-se, ou mesmo ler-se, que o Reformador alemão foi uma pessoa imoral. Para muitos, ele não passou de um padre apóstata, que, como tantos outros, abandonou a Igreja Católica apenas para se casar.

Se esta interpretação de Lutero continua em certas camadas religiosas, e se ainda encontrou em D. Denifle no início do século XX um defensor erudito, pode dizer-se com Johannes Hessen, que «felizmente a ciência católica há muito que abandonou Denifle» (1).

Com efeito, não há prova alguma de imoralidade para a época da sua vida de frade e padre. Por outro lado, não casou senão em 1523, ou seja seis anos depois da afixação das teses. Finalmente, constituindo um lar cristão, abençoado com seis filhos, refúgio de pobres e de perseguidos, manteve-se sempre fiel aos sagrados laços do matrimónio.

Se nos lembrarmos de que tudo isto sucedeu no tempo dos papas da Renascença, quando a corrupção moral alastrava entre o alto e o baixo clero, seria ridículo afirmar que Lutero necessitava de sair de Roma para satisfazer as suas tendências imorais.

Como se exprimiu o historiador católico S. Merkle, «seria uma triste prova de pobreza para a ciência católica, que ela não pode admitir, deixar criar a impressão de não ter, em frente da sua rival protestante, outra argumentação mais objectiva para se defender, e de ter de recorrer a tão indignos ataques pessoais» (2).

Perante a inconsistência da acusação de imoralidade, alguns escritores passaram a considerar Lutero, não como um homem corrupto, mas como um psicopata, um doente da alma.

No dizer, porém, do já citado Prof. Hessen, também esta opinião

«se acha já ultrapassada no estado actual da ciência católica acerca de Lutero» (3).

Como admitir que tenha sido um doente mental o vigoroso pregador e administrador, o inspirado compositor de hinos religiosos, o sábio tradutor da Bíblia, o fecundo autor dos 83 volumes que as suas obras ocupam na monumental edição de Weimar?

Um historiador católico, J. Lortz, teve de chegar à seguinte conclusão: «O inegável é que ele (Lutero), não só na sua actividade científica, como na apostólica e administrativa, tais coisas fez, que a prova que com isso deu da robustez da sua saúde mental não pode deixar de considerar-se uma prova extraordinária» (4).

Postas de lado as hipóteses da sua imoralidade e da sua psicopatia, o pensamento católico admite hoje que Lutero foi um extraordinário homem de fé e de oração.

Por estranho que pareça, são numerosos os testemunhos que na Igreja de Roma se levantam em favor da reabilitação de Lutero.

O notável teólogo católico alemão, Karl Adam, algumas de cujas obras se encontram traduzidas em português, refere-se ao grande Reformador como sendo «uma alma profundamente sã», que «tomava a sério a sua vocação de cristão e de padre» (5).

O próprio Daniel-Rops, que não manifesta particular simpatia pela Reforma, considera que é «trair a verdade histórica e psicológica o recusar admitir que Lutero foi, profundamente, um desses homens para quem viver e crer são coisas sérias, um combatente das grandes lutas espirituais» (6).

O carácter profundo da religião de Lutero é salientado nestas palavras de J. Lortz:

«Encontramo-nos diante de um secular, homem cheio de extraordinária força: de um homem que é como o mar agitado, imenso e pro-

fundo de forças. E nele antes de tudo, descobrimos logo o autêntico *homo religiosus*: não o *homo religiosus* de qualquer forma universal de Cristianismo, mas o confessor da *theologia crucis*, o apóstolo de Cristo crucificado e da Sua religião da redenção e da graça. Para vermos nele a imagem do autêntico *homo religiosus* cristão, bastará ter presentes os seguintes factos: a sua ida para um convento, para ali, sem outras intenções e desinteressadamente, se entregar aos seus íntimos conflitos de consciência, para os vencer, se libertar do pecado e alcançar a posse de um Deus de misericórdia; a profundidade do seu conhecimento da Bíblia, com a qual, com este livro dos livros, contraíu um exemplar, eterno e fecundo matrimónio;... o modo como ele ensinou e soube orar, ele próprio; e ainda os conteúdos cristãos dos seus velhos e novos cânticos religiosos.

«A Palavra de Deus, tal como esta se apresenta ao homem, é, incontestavelmente, para Lutero a grande autoridade e a norma de todas as normas... O último fundo e a primeira fonte da graça de Lutero, tanto da sua pessoa como da sua obra, encontram-se sempre naquela plena realidade objectiva em que ele acredita e a partir da qual se gera nele toda a crença. É esta realidade é, para além de toda a determinação teórica possível, ou melhor, antes de toda a determinação, Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Crucificado e Redentor do mundo» (7).

Algumas linhas acima foi feita referência a Lutero como homem de oração. Outro autor católico, A. Fischer, escreve a este respeito:

«É um grande prazer encontrarmos no homem de oração, que foi Lutero, uma porta de acesso para a compreensão de seu grande génio religioso...

«Pode uma Igreja contar muitas grandes personalidades neste capi-

(Continua na pág. 24)



# ○ Mundo antigo antes do exílio dos Judeus na Babilônia

PROF. SIEGFRIED H. HORN

A vida longa e fecunda do profeta Daniel desenvolve-se num dos períodos mais interessantes da história antiga. No ano de 605 A.C., com a idade de cerca de 18 anos, Daniel foi deportado como refém para a Babilônia, onde viveu, quase setenta anos. De facto, ainda vivia no terceiro ano do reino de Ciro (Daniel 10:1), ou seja em 536-535 A.C.; viveu, portanto, pelo menos 87 anos. Nasceu, quando a Assíria ainda era a dominadora do mundo, foi testemunha do aparecimento, do desenvolvimento e da queda do Império Caldeu, e viveu os últimos anos, sob Ciro, o primeiro soberano do novo Império Persa.

Daniel passou a infância e a adolescência no país de Judá, sua terra natal, sob a influência de uma grande reforma religiosa. Sucessivamente, estadista num país estrangeiro, seguiu de longe o declínio político e religioso assim como a queda do seu povo. Com ele partilhou o exílio e finalmente tornou-se um dos instrumentos da Providência para a libertação e regresso dos exilados à pátria.

Este homem foi testemunha do Deus verdadeiro nas mais altas esferas da sociedade e ao serviço de um dos mais poderosos monarcas de todos os tempos. Foi também um servo de Deus leal e fiel e deixou aos vindouros um dos documentos mais interessantes e notáveis do Antigo Testamento: o livro que tem o seu nome: É útil recordar a história dos anos que precederam o tempo de Daniel e a das nove décadas da sua vida, período particularmente denso de acontecimentos extraordinários.

## Queda da Assíria e ascensão da Babilônia

Antes do nascimento de Daniel, o mundo antigo — desde as mon-

tanhas da Arménia ao Norte, até aos confins da Etiópia, ao Sul, e do coração da Ásia Menor a Oeste, até ao planalto iraniano a Leste — estava sob o domínio da impiedosa nação assíria. Durante séculos, a máquina bélica assíria tinha triturado um país após outro e destruído inumeráveis cidades, deportando para terras longínquas populações inteiras, entre as quais os cidadãos do minúsculo Reino de Israel. Também Judá havia sido subjugado pelos Assírios, mas tinha podido manter a sua identidade nacional.

Por ocasião do nascimento de Daniel — por volta do ano 632 A.C. — a Assíria já tinha ultrapassado o apogeu do seu poder e estava em plena fase de declínio. Ainda substia mas já na agonia de uma morte próxima. Duas jovens potências surgiram ameaçadoras: os Babilónios e os Medos. Ambas tinham estado sujeitas aos Assírios, mas agora combatiam contra os seus antigos dominadores.

Em Babilônia, Nabopolassar, general caldeu que estivera ao serviço dos Assírios, tinha-se rebelado e proclamara-se rei em 626 A.C. A partir daquela data combatera contra os exércitos assírios enviados para sufocar a rebelião, ora ganhando, ora perdendo. Também a nordeste os Medos se tinham revoltado contra os dominadores tornando-lhes a vida difícil. Tal era a situação, quando Daniel nasceu.

Durante a infância de Daniel, tanto os Babilónios como os Medos haviam aumentado o seu poder, arrancando novos territórios das mãos dos Assírios. Em 614 A.C., Assur, uma das primeiras capitais da Assíria, caiu nas mãos dos Medos, depois de um breve assédio e foi incendiada. Pouco tempo depois deste desastre irreparável, que os Assírios sofreram no coração do seu

próprio território, apareceu no campo de batalha o babilónico Nabopolassar com o seu exército. Chegou muito tarde para tomar parte no ataque a Assur, mas a tempo para estipular um pacto de amizade e de assistência mútua com Ciaxares, rei dos Medos. Os dois soberanos assentaram juntar as suas forças para um assalto final contra os seus antigos dominadores e selaram a aliança com um casamento: Nebuchadnezar, herdeiro da Babilônia, casou com Amuhean, princesa meda.

Dois anos depois, em 612 A.C. os exércitos unidos da Babilônia e da Média cercaram Nínive, a gloriosa capital do imenso império assírio. Depois de três meses, em Agosto de 612, a cidade caiu, e o seu rei, Sin-shar-inshkun pereceu com todos os familiares e cortesãos nas chamas que devoraram o palácio real. Cumprira-se assim à letra a predição da destruição de Nínive feita pelo profeta judeu Nahum. Os dois vencedores, Nabopolassar e Ciaxares dividiram entre si o que ainda restava do grande império assírio.

Os Medos, estirpe primitiva e vigorosa ficaram satisfeitos com as províncias setentrionais da Assíria, nas regiões montanhosas da Ásia Menor e da Arménia, ao passo que os Babilónios se apoderaram da Síria, da Palestina, do Elão e de todo o vale mesopotâmico. Contudo, a partilha entre os dois soberanos vitoriosos dos territórios e das possessões assírias não significava, de modo algum, a submissão das suas populações. Foram necessárias muitas campanhas militares para subjugar tais populações. Além disso, uma parte do exército assírio tinha fugido e reunira-se em torno de Ashur-Uballit II, o qual, tendo tomado o título de rei dos Assírios, tinha estabelecido a capital provi-

sória em Haran, na Mesopotâmia setentrional.

O rei assírio podia contar com o apoio do Egípcio. Os Egípcios tinham sido inimigos acérrimos dos Assírios, e apenas há meio século atrás tinham sofrido algumas duras invasões da parte dos seus exércitos. Contudo, aliaram-se com os Assírios quando verificaram que estes se tinham tornado tão fracos que já não representavam uma ameaça para o Egípcio, ao passo que a Babilônia, em rápida ascensão, podia tornar-se um inimigo sério e perigoso. Os Egípcios perceberam que era para seu próprio interesse o manter-se de pé os restos periclitantes do poder assírio para servir de Estado-almofada entre os seus domínios e os do poderoso império oriental em rápida expansão. Por isso, os exércitos egípcios haviam apoiado os Assírios em várias batalhas contra os Babilônicos, antes da queda de Nínive, e agora procuravam manter de pé as forças que restavam do exército assírio desbaratado.

Não obstante, porém, este apoio egípcio, Haran foi tomada pelos Babilônicos em 610 A.C. e os últimos restos do que havia sido o poderoso exército assírio desapareceram da superfície da terra, sem deixar nenhum rasto. Contudo, os Egípcios conservaram a Síria e mantiveram em seu poder a poderosa cidade fortificada de Carquemish, no alto Eufrates, ainda durante muitos anos, depois do desaparecimento dos Assírios.

### **Os altos e os baixos de Judá desde o tempo de Josias até ao tempo de Joaquim**

Estes acontecimentos extraordinários desenrolaram-se muito longe da Judeia, durante a infância de Daniel, mas também alguns acontecimentos importantes se deram na sua pátria. Em 621 A.C., quando Daniel ainda era criança, o jovem rei Josias empreendeu uma das vastas reformas religiosas jamais feita no reino de Judá. Josias era neto de Manassés, soberano extremamente ímpio, e filho de Amon, monarca igualmente ímpio; mas o jovem rei não sofreu no seu carácter a influência da conduta péssima dos seus mais próximos ascenden-

tes. Não sabemos se cresceu sob a tutela de qualquer piedoso condutor espiritual ou sob a influência de uma mãe devota; os sagrados textos afirmam com clareza que nos últimos anos da sua primeira juventude se empenhou seriamente numa vasta obra de restauração do culto do Deus verdadeiro e da eliminação do país de todo o vestígio do culto pagão (II Crônicas 34:3).

No ano décimo-oitavo do reinado de Josias, quando o soberano tinha 26 anos de idade, durante os trabalhos de restauro do Templo, foi encontrado «o livro da lei» de Moisés. Foi uma descoberta que mudou a vida da nação inteira. O rei fez-se promotor de uma profunda reforma religiosa. Viajou por todo o país e empenhou-se com grande zelo em destruir todo o vestígio de influência pagã: demoliu os santuários e destruiu os ídolos, purificando assim o país da contaminação da idolatria e do politeísmo. Depois convocou o povo para Jerusalém para a solene celebração da Páscoa, segundo a lei mosaica, e «nunca pois se celebrou tal páscoa em Israel, desde os dias do profeta Samuel» (II Crônicas 35:18).

Naquele tempo, fez sentir a sua influência um outro grande homem de Deus; Jeremias, um profeta de estirpe sacerdotal natural de Anathoth, que fora chamado para o sagrado ministério, cinco anos antes da grande reforma de Josias (Jeremias 25:3). Nos anos seguintes, Jeremias devia tornar-se um dos maiores arautos de Deus, no seio do seu povo; a sua voz de advertência far-se-ia ouvir durante quarenta anos seguintes.

Josias, vendo diminuir a potência assíria, quis estender temerariamente a sua autoridade régia para lá dos confins do pequeno reino de Judá, e ocupou grande parte dos territórios que haviam pertencido ao desaparecido reino de Israel, que haviam passado para a soberania assíria, desde 722 A.C. com a queda da Samaria. Tal expansão política permitiu a Josias estender a sua reforma religiosa também às províncias do norte. Parece que Josias advertira que Babilônia se tornaria a nova potência mundial e que seria vantajoso para si fazer um pacto de amizade com os novos

dominadores para evitar a invasão do seu reino.

Por isso, no trigéssimo primeiro ano do seu reinado, correspondente a 608 A.C. declarou-se abertamente pelos Babilônicos e resolveu opor-se aos Egípcios que se estavam fortificando em Carquemish e na Síria Setentrional. Em 609 A.C. Neco II sucedeu ao pai Psamético I no trono do Egípcio, o que apareceu a Josias uma boa ocasião para mostrar a sua lealdade aos Babilônicos. Deste modo, Josias e o seu exército tentaram cortar a passagem a Neco a caminho do Norte, no vale de Megido, o ângulo mais estratégico da Palestina. Infelizmente, para Josias e para a sua nação, o rei judeu foi ferido mortalmente na batalha que se travou e o faraó vitorioso avançou para o Norte deixando atrás de si o rei judeu morto.

O exército judeu desbaratado voltou a Jerusalém e por aclamação popular foi posto no trono, Joacaz, segundo filho de Josias, que pertencia ao partido favorável aos babilônicos e tinha intenção de continuar a política do pai. Quando Neco, que tinha estabelecido o seu quartel-general em Ribla, na Síria central, teve conhecimento da subida ao trono de Joacaz, citou-o a comparecer no seu quartel-general. Joacaz não ousou rebelar-se contra a ordem do faraó e dirigiu-se a Ribla. Neco que não gostava da amizade de Judá para com os Babilônicos, mandou-o prender e conservou-o como prisioneiro político no Egípcio, onde morreu, pouco tempo depois. Neco colocou então no trono de Jerusalém o irmão mais velho de Joacaz, chamado Eliaquim, e mudou-lhe o nome para Joaquim. Este novo rei era bem conhecido como defensor da causa egípcia e membro do partido pró-egípcios. Nos primeiros três anos de reinado 608-605 A.C., governou a nação como vassalo de Neco. Deram-se depois novos acontecimentos excepcionais.

*No próximo número:  
DO PRIMEIRO AO SEGUNDO  
EXÍLIO*



# A Reabilitação Católica de Lutero

(Continuação da pág. 14)

tulo; nela, por mais rica que seja, haverá sempre lugar, porém, para mais uma, pelo menos: a de Lutero. Jamais poderá passar-se diante dele, das suas ideias sobre a oração e suas exortações a esta, sem lhes prestar atenção...

«Devemos considerar este um não pequeno mérito do Reformador: não só através de seu modo pessoal de orar como através da sua doutrina da oração, soube dar à Cristandade uma convicção que jamais se perderá: a de que para o cristão um único cânone existe nesta matéria, o da palavra e o do espírito de Deus, como eles se contêm na Sagrada Escritura»<sup>(8)</sup>.

Se bem que seja notável o progresso, que atrás assinalamos, feito pelo pensamento católico acerca de Lutero — que já não é considerado um imoral nem um psicopata, mas um homem de fé e de oração — vários teólogos de Roma vão até

ao ponto de olhar para ele como um homem suscitado pela Providência para operar um necessário despertamento na Igreja.

Segundo Fr. X. Kiefl, «dando origem a um movimento espiritual que domina os séculos, a Providência quis por meio dele (Lutero) purificar a Igreja»<sup>(9)</sup>.

É por isso que J. Hessen não receia escrever: «Històricamente, ou melhor, num ponto de vista histórico-religioso, Lutero vai entroncar na linha dos grandes profetas do Velho Testamento. Como estes, é também ele um campeão de Deus, inflamado por um santo entusiasmo. Também ele se propõe combater por um alto e puro ideal de amor divino e por uma oração de Deus 'em espírito e verdade'»<sup>(10)</sup>.

Que os testemunhos que acabamos de transcrever ajudem os nossos leitores a apreciar Lutero como

um dos mais nobres instrumentos de que Deus Se serviu, em todos os tempos, para o regresso do Cristianismo às verdadeiras fontes da sua vida.

(1) Prof. Johannes Hessen, *Lutero Visto pelos Católicos*, tradução de L. Cabral de Moncada, 2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, Arménio Amado Editor, 1951, pág. 15.

(2) Apud Hessen, *op. cit.*, 16.

(3) *Ibid.*, pág. 17.

(4) *Ibid.*, pág. 18.

(5) Karl Adam, *Vers L'Unité Chrétienne*, Paris, Editions Montaigne, 1949, págs. 54 e 58.

(6) Daniel-Rops, *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, trad. port. de Eduardo Pinheiro, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962, pág. 332.

(7) Apud Hessen, *op. cit.*, págs. 22, 23 e 26.

(8) *Ibid.*, págs. 20 e 21.

(9) *Ibid.*, pág. 19.

(10) *Ibid.*, pág. 29.